

PERFIL

Dorina Nowill:

Uma mulher de visão

Dorina é uma das pessoas que enxergam mais longe, mais claramente, neste país de tantos cegos de ver e cegos de perceber. A escritora, de pensamento lúcido e equilibrado, despe-se de mágoas e de reclamos, e divulga uma maneira própria de pensar, com uma fina análise do acontecido e uma arguta percepção do por acontecer.

Nascida no seio de uma típica família paulista, descendente de portugueses, Dorina foi criada num ambiente de disciplina rígida até os 17 anos. Seu nome, que em princípio seria Dolores (como o de sua mãe), foi escolhido a partir de uma opereta que a mãe havia assistido, "A casa das três meninas", onde as personagens chamavam-se Dora, Doreta e Dorina.

Na época de escolher a profissão, Dorina estava inclinada a estudar Medicina, pois não queria ser professora, desejo da maioria das meninas de sua idade na época. Assim que terminou os estudos secundários, porém, um acidente veio mudar toda sua programação de vida: uma mancha opaca bem no centro da visão do olho direito. De início, sua família não deu muita importância às suas reclamações, pois, quando ainda freqüentava o colégio, reclamava dos olhos sempre lacrimejantes, embora nada tivesse sido diagnosticado nas consultas oftalmológicas. Logo, porém, detectou-se que a mácula de seu olho direito fora afetada no centro, enquanto que a do olho esquerdo, apenas na periferia. Em pouco tempo, perdeu toda a visão, já que seu olho esquerdo foi tomado por um glaucoma secundário. Ao contrário da maioria das pessoas que perdem repentinamente a visão, Dorina não procurava evitar o uso de palavras como "cega", "cegueira", que retratavam sua dura realidade. De acordo com sua personalidade, era preferível uma realidade dura a uma ilusão infundada.

Seu espírito religioso e o ambiente em que fora criada propiciaram a aceitação de sua nova condição.

Levada pela madrinha ao Instituto Padre Chico em 1939, Dorina começou a aprender o Sistema Braille. Na época, em plena guerra, não havia livros em Braille, a não ser os que tinham vindo da Europa. As cartilhas que os alunos usavam eram feitas à mão no próprio instituto. Então ela soube que no Rio de Janeiro havia o Instituto Benjamin Constant, e que lá havia uma biblioteca onde se poderia pedir emprestados livros em Braille. No Padre Chico, conheceu o alfabeto e começou a ler o único livro em Braille à disposição na época. Era o livro de Helen Keller, em francês, *Historie de ma vie*. Como no Sistema Braille cada vogal acentuada tem uma configuração diferente de pontos em relevo, e na língua francesa há muitas letras acentuadas, foi mais fácil a fixação do alfabeto.

Na esperança de recuperar parte da visão perdida, seguindo um tratamento de um ano que exigia repouso absoluto em um lugar de clima bom e com alimentação reforçada, mudou-se para Valinhos, nas imediações de São Paulo. Foi quando começou sua vocação para a profissão que ela sempre havia evitado: ser professora. Começou a se interessar pelas crianças do lugar, e iniciou um curso de catecismo, que dava com as crianças sentadas ao redor da cama.

De volta a São Paulo, já no terceiro ano do curso Normal, com o progresso do trabalho de especialização do qual participava (que previa curso regular para professores de deficientes), começou a batalhar para que o mesmo fosse reconhecido pelo Departamento de Educação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Feito um relatório e marcadas as provas práticas exigidas, formalizou-se o primeiro curso na América Latina especializado na educação de cegos, que era realizado dentro de uma Escola de formação de professores, e que se transformou num curso regular.

Em 11 de março de 1946, Dorina concretizava com outros profissionais a inauguração da Fundação para o Livro do Cego no Brasil (FLCB), através do registro em cartório de seu

primeiro estatuto. A organização tinha como objetivo principal a produção de livros, mas previa também a possibilidade de atividades relacionadas à Educação.

Numa viagem a Nova York, teve a oportunidade de conhecer duas personalidades que influenciaram profundamente sua vida: Helen Keller, escritora símbolo nos EUA, e Robert B. Irwin, diretor executivo da AFB (American Foundation for the Blind).

Em 1972, já casada e com filhos, mas sem nunca abandonar suas atividades profissionais, Dorina participou do SEMICOM (Seminário de Orientação, Mobilidade e Comunicação), realizado em São Paulo e organizado pela Fundação, onde foram ouvidos grandes especialistas na área de Orientação e Mobilidade, aspectos fundamentais na educação e reabilitação das pessoas cegas, introduzidos no Brasil através da Fundação, que esteve sempre na vanguarda dos processos de integração dos cegos na comunidade. Os cegos adultos, desde 1958 na Fundação para o Livro do Cego no Brasil, aprenderam a fazer uso da bengala longa. As crianças começaram a usar o método após o preparo dos professores especializados, quando as novas técnicas de Orientação e Mobilidade foram introduzidas na FLCB. Foi a partir do SEMICOM que se expandiu a Orientação e Mobilidade em seus fundamentos e programas para a evolução pedagógica e científica por toda a América Latina.

Nos anos 60, participou de inúmeros congressos, apresentou vários trabalhos, sempre sobre a educação de cegos. Os estatutos da FLCB foram primeiramente reformulados em 1974, quando a fundação passou a ter um maior número de diretores e muitos outros cargos, criando-se um conselho fiscal e um conselho consultivo. Em 1991, mais precisamente no dia 11 de novembro, foi lavrada a escritura de um novo estatuto, que transformava a FLCB em Fundação Dorina Nowill para Cegos. A necessidade da mudança do nome foi sentida em função da abrangência dos serviços prestados.

ORAÇÃO DA SERENIDADE

Dai-nos força, Senhor, para aceitar
com serenidade tudo o que
não possa ser mudado.
Dai-nos coragem
para mudar o que pode
e deve ser mudado.
E dai-nos sabedoria
para distinguir
uma coisa da outra.

*Trechos do livro "...E eu venci assim mesmo", de autoria
de Dorina Nowill (adaptação de Ana Paula Pimentel).*